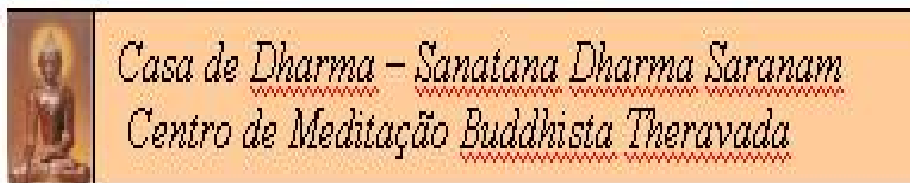


## **Kamma**

Bhante Henepola Gunaratana



*Casa de Dharma 2007*

## Leis do kamma

Bhante Henepola Gunaratana

©*Bhavana Society*, 12 novembro 1994

*tradução*: Francisco Penteado

*revisão*: Arthur Shaker

Com autorização do autor

*Casa de Dharma* 2007

[www.casadedharma.org](http://www.casadedharma.org)

Hoje vou falar de um assunto aparentemente muito simples, mas que se visto de perto, se mostra muito difícil. Não há explicações perfeitas para esse assunto, pelo menos da parte de pessoas comuns; o Buddha poderia fazê-lo. Esse assunto é o kamma. Há dois modos diferentes de se entender o kamma. Um é enxergar o kamma como algo místico que se dá por razões desconhecidas, e para as coisas que as pessoas não conseguem compreender, elas as qualificam como kamma. A outra definição é o oposto dessa, que é kamma como lei de ação e reação. Ambas definições são incompletas, imperfeitas.

A definição de kamma como ação e reação deriva da Física, e serve para todos objetos animados ou inanimados. Existem leis chamadas de *niyama*, as cinco leis, e kamma é uma delas; tudo muda, mas estes *niyamas* não mudam jamais. Um *niyama* é a lei da ação e reação biológica, isso significa as leis biológicas; por exemplo, se você plantar mostarda, não nascerão macieiras. O segundo é a lei física de ação e reação, como nas variações de temperatura da terra de acordo com seus movimentos

ao redor do Sol, bem como seus efeitos sobre a vida na Terra. A próxima lei é a lei da operação da mente; não há dois seres humanos na face da Terra cujas mentes operem do mesmo modo. Se surgir cobiça na mente dos indivíduos, essa sensação será idêntica para ambos, ainda que algumas pessoas saibam se expressar melhor que outras, e reajam diferentemente, mas a operação mental da cobiça será a mesma. A quarta ordem é a lei do *dhamma*, que é imutável. Se eu lhe insultar, você ficará ofendido; por outro lado, se higienizarmos a mente, teremos outros tipos de experiências e sensações, e essa é a natureza do *dhamma*, do mesmo modo será a natureza da mente perturbada por inúmeros irritantes psíquicos. Para aqueles que vivem de acordo com o *dhamma*, o *dhamma* os protegerá, essa é sua natureza. E por fim, há a *lei do karma*, e o modo como opera. Há pessoas extremamente infelizes, com uma quantidade incrível de frustrações e problemas, sem emprego, ou com empregos miseráveis, problemas familiares, saúde, eles colocam isso como sendo seu karma. Mas por outro lado, se tudo correr bem, em casa, na família, no emprego, eles louvam a Deus por isso, ou batem na madeira. Mas o karma é algo diferente dos “resultados kármicos”, entretanto, eles não falam nesses termos, eles apenas dizem, “esse é meu karma”.

Na verdade, nem tudo que nos acontece deriva do karma e das consequências kármicas; outras coisas são puramente ambientais e circunstanciais, como por exemplo, as mudanças climáticas que afetam a todos nós. Alguns poderão dizer que a maneira como o clima afeta uma população seria um “karma coletivo”, mas nos ensinamentos sobre o karma não existe tal coisa. O karma é 100% individual, e cada um de vocês, independentemente sabe o que se passa nas suas cabeças, mas talvez, quando certos resultados surgem, talvez possamos indagar que um dado indivíduo cometeu este ou aquele karma, mas é difícil determinar precisamente. Portanto o karma divide as criaturas, e pela lei do karma, nós não fomos criados iguais.

O Buddha coloca: “O karma divide os seres em graus de qualidades altas ou baixas”. Algumas pessoas podem parecer-se umas com as outras, mas nem os gêmeos são idênticos. Se duas pessoas tiverem karmas semelhantes, poderão

experimentar resultados semelhantes. Há pessoas em certas tradições que acreditam que após a morte irão para um lugar maravilhoso, onde todos são jovens e felizes e todos serão iguais lá, mas isso não condiz com nossa teoria do karma. Até os paraísos diferem, e os deuses que lá habitam diferem também, uns são poderosos, outros nem tanto, uns são inteligentes, outros são tediosos. Do mesmo modo, os humanos têm diferentes corpos, mas também diferentes mentes, e percepções. Fisiologicamente eles podem se parecer, mas nem os humanos, nem os animais jamais serão idênticos entre si, eles sempre serão diferentes quanto ao karma. Por isso, o Buddha coloca que o karma é nossa única propriedade, nada mais nos pertencem, bens materiais, parentes, amigos, nada disso; o karma é nossa matriz e a nossa verdadeira herança. Podemos herdar bens materiais, e muitas vezes não poder desfrutá-los, por ter um câncer ou um problema qualquer, porque essa não é a verdadeira herança, a verdadeira herança é o karma.

Entre as duas definições de karma, uma como algo místico, a outra como lei de ação e reação, qual vale afinal? Ambas são incorretas. A definição mais simples e correta é: “Qualquer ato, palavra ou pensamento, cometido intencionalmente por um indivíduo ainda não totalmente liberto de raiva, cobiça ou delusão é karma”. A presença da intenção por si não é suficiente para gerar karma, mas ainda assim é absolutamente necessária. Um arahant, que age sempre com as mais maravilhosas intenções, excetuando as funções automáticas do corpo, não gerará nenhum karma; tudo o que ele disser, pensar ou falar é só ação sem resultados kármicos. Portanto, para haver karma, é necessária uma ação, palavra ou pensamento carregado de raiva, cobiça ou delusão, coisas que os arahants não têm.

Se uma pessoa comum age sem intenção, isso também não tem karma. Por exemplo, se dizemos algo sem querer que ofenda outra pessoa, mas isso aconteceu porque não tivemos consciência atenta suficiente, ou por não saber que havia gente ali, ou ainda por desconhecer o estado mental da outra pessoa. Ou quando você se move durante a meditação, e incomoda quem está ao seu lado, mas karmicamente

você não pode ser responsabilizado. E até eventualmente matar alguém, como por exemplo, se você for atacado, e em autodefesa golpear mortalmente seu atacante, você será acusado, julgado de homicídio doloso, mas não culposo, se de fato não houve a intenção de matar, você só queria detê-lo. Portanto a operação kármica precisa de intenção.

Na época do Buddha, havia divergência entre ele e outros mestres espirituais. Cinco mestres divergiam nesse assunto. Um deles colocou que tudo aquilo físico que fizermos pesará mais que nossas intenções, e ele foi argumentar isso com o Buddha, mas o Buddha refutou, dizendo que os atos físicos não pesam mais que nossos atos mentais. Ele exemplificou dizendo que ao pensar algo virtuoso ou não, precisamos preparar-nos para pôr em prática essa nossa intenção. E até o momento de agir, trilhões de pensamentos se passaram na preparação dessa ação, e por isso o ato físico pesa tanto, e por isso, quando ocorre um acidente, isso é algo totalmente físico, e não tão pesado assim; e por isso também a qualidade baixa ou alta, virtuosa ou não de um karma dependerá de sua intenção, onde intenção virtuosa gera karma virtuoso, e intenção não-virtuosa gera karma não-virtuoso. É simples, assim.

Virtuosidade ou não depende, portanto do estado mental-intenção. Por isso, para falarmos de valores morais e éticos, precisamos sempre investigar as causas em termos de intenções. Todo ato, palavra ou pensamento que faz mal a você mesmo ou aos outros é um ato não-virtuoso; todo ato que traz paz e felicidade a si mesmo ou aos outros será considerado virtuoso. Com essa definição de karma bom e ruim, podemos dizer que as práticas do retiro são karmas bons e virtuosos. Mas nem sempre é assim; muitos passam horas na sala de meditação em uma espécie de torpor sonolento; outros sentam-se para meditar com a mente repleta de ódio, dúvida, preocupação ou cobiça, como isso pode ser virtuoso? E não poderemos dizer que todos agiram de modo virtuoso, mas também não podemos dizer que ninguém agiu de modo virtuoso. E as aparências externas não demonstram de fato as forças kármicas presentes ali. E só cada um de nós intimamente sabe se cometeu karmas virtuosos ou não. Mas nenhum karma passará despercebido sem nosso

conhecimento, porque houve sempre uma intenção, embora muitas vezes não entendamos o porquê de certas consequências kármicas; como na metáfora dos quatro homens com poderes paranormais que podem ver as pessoas morrendo e vindo a renascer.

Uma dessas pessoas viu um indivíduo fazer tudo o que é errado, e depois renascer em um lugar bom, e concluiu que não importa o que façamos, iremos para um lugar bom. A segunda viu alguém fazer tudo de bom, e mesmo assim renasceu em um reino ruim, e conclui que não importa o que façamos, iremos para um lugar ruim. A terceira viu um homem ruim ter um renascimento ruim, e conclui que atos ruins levam ao renascimento ruim. E por fim a quarta viu o indivíduo de atos bons renascer em um mundo bom. E como um daqueles que cometeu só atos bons renasceu em um lugar ruim? É porque os homens que viram o renascimento dos quatro indivíduos julgaram somente pelos atos dessa única vida, sem levar em consideração existências anteriores e seus respectivos karmas. Por isso que se nos reunirmos em um ato virtuoso, como limpar um hospital ou outro ato generoso qualquer, cada um de nós terá parcelas de mérito diferente, porque nossos motivos e intenções eram diferentes uns dos outros.

É curioso como ninguém quer discutir os karmas positivos, todos perguntam sobre os karmas negativos, porque esses são os mais comumente cometidos, e as pessoas ficam com as consciências pesadas com relação a eles. Alguém me ligou da Geórgia perguntando se seria um mau karma ajudar alguém a morrer, como na eutanásia. Essa pessoa tinha um parente em estado terminal, um vegetal, implorando para morrer. Eu disse que se a pessoa implora para morrer, é porque está em dor intensa, mas se você puder minimizar sua dor, ao invés de fazê-la morrer, ela ficará incrivelmente grata por isso. Por outro lado, eu disse também que se este for o karma da pessoa, claro que não diremos: “Esse é seu karma, e não há nada a fazer”, o que seria cruel, mas devemos colocar que essa situação é temporária, etc., mesmo que só restem dez minutos de vida, devemos deixá-la viver esses minutos.

Do mesmo modo, com relação ao aborto. Nesse caso, as pessoas vêm com argumentos fortíssimos, porque quando a mente quer agir, se justifica com as mais maravilhosas razões, como a defesa da saúde da mãe, a possibilidade do bebê nascer deformado, etc., mas essa é uma área obscura, há muito a se discutir aqui. Se alguém colocar a necessidade de abortar o feto para salvar a mãe, se formos perguntados, diríamos que há dois karmas ali: salvar a mãe traz bom karma, matar o feto traz mau karma; em circunstância nenhuma endossamos matar qualquer ser humano por esse ou aquele motivo. Eles podem usar até um eufemismo, não dizer “matar o feto”, assim como os fazendeiros não dizem que “matam” galinhas, dizem que têm um “centro de processamento de frangos”, mas o médico sabe muito bem o que está fazendo. Também existem argumentos políticos, sobre os direitos individuais, etc., ou filosóficos, sobre qual é o momento onde a vida começa. Deste modo, se um monge aconselhar uma pessoa a se matar, ele imediatamente perde sua ordenação. E o karma será sempre um tema que pode gerar discussões intermináveis, com inúmeras possibilidades para mudarmos o karma.

Por isso o Buddha coloca que, se um indivíduo comete um mau karma, mas se arrepende, e com consciência atenta se propõe a não mais repetí-lo, essa pessoa é como a manhã sem nuvens. É necessário admitir que cometeu um mau karma sob essa ou aquela circunstância, sem se sentir culpado, mas com consciência atenta, buscando analisar a situação chegando à sua raiz última. Esse estado mental é chamado de *manasikara*, atenção, ver a coisa como um todo, e habituar-se a fazer isso, e pouco a pouco nos aperfeiçoamos, até nos tornarmos a manhã sem nuvens. Esse é um processo de karma positivo a ser repetido por sucessivas vidas, e os karmas negativos serão cancelados pelos positivos. É a chance de um novo recomeço.

## O que é o kamma?

*Bhante Gunaratana*

© *Bhavana Society*, julho 1995

*tradução*: Francisco Penteado

*revisão*: Arthur Shaker

Com autorização do autor

*Casa de Dharma* 2007

Boa noite. Hoje vou falar de um tópico muito popular, o karma. Às vezes, tudo vai tão bem, sua família, situação financeira, etc., e se você for perguntado: “Como vai?”, você responderá: “Bem, graças a Deus, eu tenho sorte”. Mas se tudo der errado, você perder o emprego, ou não receber seu pagamento, problemas familiares, etc., então você dirá: “Esse é meu karma!”. É assim que as pessoas entendem o karma. Ou seja, todas as coisas boas eles atribuem a Deus, e todas as coisas más eles atribuem ao karma. Então, o entendimento generalizado e errôneo é que o karma sempre é algo muito mau. Esse é um engano muito comum com relação ao karma. Assim sendo, as pessoas são muito relutantes em falar, discutir ou mesmo ler sobre o assunto karma, devido a esse imenso mal-entendido.

Karma, na verdade é aquilo que fazemos. Aquilo que fizermos intencionalmente. Em muito sutras, o karma vem interpolado nos ensinamentos do Buddha, ou seja, falando com as pessoas que não entendem ou não aceitam o conceito de karma. Na verdade, o karma é algo não tão fácil de ser entendido, daí surgem as confusões. E há aqueles que, por não desejarem fazer um esforço em entender o karma, alegam que este é uma adição posterior aos ensinamentos do Buddha. Quando alguém lê o Suttapitaka, especialmente os quatro Nikayas principais, onde *nikaya* significa “divisão, sessão” dos textos Páli, a saber, Anguttara



Nikaya, Samyutta Nikaya, Digha Nikaya, Majjhima Nikaya, e o quinto Nikaya é chamado Kuddaka Nikaya - mas a maior parte do que está no último pode ser encontrado nos outros quatro primeiros - ao lê-los atentamente, é impossível não encontrar esse ensinamento embutido nesses Nikayas. E no Dassodhammasutta (?), que monges e monjas devem recitar diariamente, e muitos outros, Buddha é muito específico com relação a mencionar o karma. E ele coloca que devemos lembrar sempre que o karma é nossa herança, que o karma é nossa matriz, que nós herdamos o karma, e que na verdade o karma é a única coisa que realmente possuímos. Se há uma única coisa neste mundo da qual podemos nos dizer “donos”, essa coisa é o karma. Não possuímos de fato mais nada. Porque ele é aquilo que nós fizemos, e por causa dele, vivemos nossa vida. Se você quiser ser professor, você constrói com dificuldade uma carreira nesse sentido, e finalmente se torna um. Foi para isso que você trabalhou, e agora se tornou isto, esse é seu karma. Para se tornar um carpinteiro, ou músico, ou matemático, ou artista, seja como for, é necessário estudar para isso, depois se esforçar, e finalmente se tornar isso que você lutou para ser. Esse é o modo mais simples de se olhar para o karma.

Quem foi que nos fez sermos o que somos hoje, além de nós mesmos? E essa habilidade que nós cultivamos, nós a possuímos nesta vida, esse é nosso karma. A palavra karma é muito usada em Páli para descrever qualquer ação, por exemplo, na palavra *kammakara*, que significa “trabalhador”. Assim, isso não pode ser algo desconhecido nos ensinamentos do Buddha, pelo contrário, é algo muito central. E alguém perguntará: “Onde o Buddha cita o karma?” Bem, basicamente nas introduções ao ensinamento do Buddha, especialmente quando o Buddha fala no “caminho que conduz ao fim do sofrimento”, a Quarta nNobre Verdade. Toda essa parte refere-se a atos, karmas, coisas que fazemos intencionalmente, o karma não acontece sem nossa intenção de fazê-lo. Não é algo que entra em nossas mentes automaticamente. Portanto, cada um dos passos do Nobre Ótuplo Caminho é referente a atos intencionais, e do mesmo modo seriam os atos opostos a ele, assim construímos nosso karma.

Se cometemos atos do lado virtuoso, nos libertamos de todos os irritantes psíquicos. As pessoas tendem a pensar em dois extremos quando se fala em karma: um é que tudo se deve ao karma, o outro é que nada se deve ao karma, de que tudo seria casual. Se cairmos no extremo de que tudo se deve ao karma, seremos fatalistas. Se acharmos que tudo é puramente casual, seremos nihilistas. O ensinamento do karma não é fatalista; de acordo com o pensamento fatalista, não há nada a se fazer. Algo ou alguém determina seu destino, e você se submeteria, não haveria nada a fazer com relação a isso. Mas se o karma é algo que você faz, então é possível sair dele, isso também seria uma ação. Se algo nos é imposto e nos rendemos, isso não é o karma. É claro que aquilo que fizemos no passado não pode ser desfeito, mas o futuro está em suas mãos, você pode moldar e corrigir o modo como você quer as coisas feitas no futuro, a partir de agora.

Há uma colocação muito bela do Buddha com relação às pessoas que perguntam sobre o que fazer com relação aos seus erros passados. Elas frequentemente perguntam se é necessário sentir remorso, ou se alguém pode aliviá-las. Acontece que algo feito por você não pode ser tirado de você por ninguém. Se você fizer algo maravilhoso, pode um invejoso roubar esse ato de você? E, se por outro lado, você fizer algo muito mau, e você for pego fazendo isso, pode alguém tirar isso de você? Não! O karma é o padrão pelo qual determinamos nossa própria dignidade, nossa responsabilidade. Se fazemos algo, devemos ter a bravura de admitir isso. Não faz sentido fugir ou negar, correr daquilo. Se fizermos algo, aceitemos as consequências. Aceitar as consequências dos nossos atos passados é um belíssimo modo de olhar para nossas vidas. Correr de nossos atos não nos levará a nada, porque nossos atos nos seguirão onde quer que vamos, nas alturas do céu, ou nas profundezas da terra e dos oceanos; quando nossos atos vierem a nós, eles virão a nós, e ninguém pode impedir.

Quando falamos de karma, as pessoas ficam muitíssimo irritadas, por achar que o karma é necessariamente mau, e discutem, porquê isso, porquê aquilo? Isso não é necessário, porque eu sei que se comer algo errado, sofrerei as consequências.

Se você caminhar até a beira do telhado, se achando um ser todo-poderoso e se jogar, e quebrar o pescoço, ficar aleijado ou morrer, você poderia culpar alguém por isso? Se você fez isso, você sofre, ninguém mandou você fazer isso, portanto ninguém pode ser culpado. O que você faz é seu, o que você não faz, não é seu.

O que é karma, afinal? Há aqueles que dizem: “karma é a lei da ação e reação”. Essa definição está incompleta, parcial, porque essa definição não é diferente da lei física, a noção comumente estudada na Física, onde a cada ação corresponde uma reação. Se o karma é só uma coisa assim mecânica, não teríamos nada a fazer com relação a ele, ou até não teríamos responsabilidade com relação a ele, nem deveríamos nos preocupar. Mas o karma não é simplesmente ação e reação, há muitas outras coisas que contribuem para fazer de uma ação um karma. Devemos redefinir karma. Vamos definir karma como qualquer ato, palavra ou pensamento produzido por alguém que não está liberado da raiva, cobiça ou ignorância. Essa definição está mais completa. Isso significa que, ao olharmos para essa definição, excluimos alguns indivíduos das consequências das ações kármicas. Ou seja, se um indivíduo tem uma mente 100% livre de cobiça, ódio e delusão, seja lá o que fizer, não terá produzido karma. Por exemplo, como no caso do Buddha e dos arahants, após atingir a iluminação, eles continuam a trabalhar com as pessoas, pregando, ensinando, meditando, até trabalhos físicos, mas nada disso se torna karma. Por quê? Porque suas mentes são 100% isentas de todo e qualquer irritante mental, mentes 100% puras. Portanto, ao dizer ou fazer ou pensar algo, todos esses atos serão de uma pureza absoluta.

Mas todos aqueles que não estão nesse estado têm as raízes dos irritantes psíquicos. E quais são as raízes? Primariamente raiva, cobiça e delusão-ignorância. Assim, não podemos dizer que a simples presença do ódio, cobiça e delusão seriam suficientes para tornar um ato um karma. Por quê? Porque se faz necessário um outro ingrediente, que é a intenção. Se uma pessoa nessas condições fizer algo acidentalmente, inadvertidamente, isso não poderá ser considerado um karma. Na verdade, um simples pensamento é a raiz da ocorrência de um karma. Aí está a raiz

de cometermos karma, a intenção. Por isso o Buddha chamou isso de karma, de pensamento-intenção. Às vezes, agimos sem qualquer intenção, seja ela virtuosa ou não-virtuosa. O karma será definido como virtuoso ou não-virtuoso devido à intenção. Intenção virtuosa, karma virtuoso; intenção não-virtuosa, karma não-virtuoso. Por isso, é extremamente difícil determinar quais ações foram virtuosas e quais não foram virtuosas. Porque algumas pessoas sabem fingir. Na superfície, certos atos podem parecer virtuosos, maravilhosos mesmo, mas só na superfície. Mas ninguém sabe o que realmente se passa na cabeça das pessoas. Se alguém doa algo, parece tão generoso, mas pode haver um motivo por trás dessa doação. Esse motivo material polui, estraga esse ato de generosidade, que é algo maravilhoso em si. Mas se as motivações são outras, então o ato não é tão virtuoso assim. Por exemplo, algumas pessoas doam coisas com raiva. Normalmente, dar algo deveria ser feito com alegria. Doar deveria ser um ato de libertação da mente de um apego, um ato de deixar ir, de liberar, ao invés de reter algo. Mas muitos doam coisas visando a popularidade, ficar famoso, ter seu nome escrito numa placa. Então haverá certo grau de virtude nesse ato, mas ele não será 100% virtuoso, pois foi executado em um estado mental impuro.

Por outro lado, atos aparentemente não virtuosos podem não ser tão não-virtuosos assim. Por exemplo, se alguém faz uma advertência com uma expressão rude e aparentemente enraivecida. No coração dessa pessoa há pensamentos puros de compaixão e amizade amorosa, e exatamente por isso, a pessoa fala com termos tão duros, para evitar que o outro faça aquilo que é prejudicial. Mas para os demais, parecerá apenas que a pessoa que fez a advertência agiu enraivecidamente, sem virtude. Ou seja, não determinamos a natureza de karma pelo exterior, portanto a segunda definição do karma é sua intenção.

Outro dia, mencionei a estória dos dois monges, um velho e um novo, caminhando pelo rio. O monge velho viu uma mulher no rio, prestes a se afogar. O monge jovem pulou na água para salvá-la, e carregou-a nas costas. Chegando no monastério, o monge velho recusava-se a falar com o monge jovem. E o monge

jovem perguntou o porquê disso. O monge velho disse que tinha visto algo muito ruim, que era o monge jovem pulando na água e carregando uma mulher para fora da água. Ao que o monge jovem replicou: “Eu a coloquei no leito do rio, mas parece que é você que ainda está carregando a mulher nos ombros”. Portanto, o monge velho viu a cena sob uma perspectiva, que é a quebra do preceito monástico segundo o qual um monge não deve tocar as mulheres, que é verdade, mas por outro lado, o monge jovem salvou a vida da mulher, que é mais importante.

O Buddha disse com relação a isso: “Se você não tem nenhum corte na palma da mão, você pode carregar o veneno nas mãos sem que ele entre na sua corrente sanguínea”. Do mesmo modo, se a mente está pura, intenção e motivo são puros, mesmo que seu ato pareça não virtuoso, você não é culpado de atos não virtuosos. É necessário haver raiva, cobiça ou delusão para cometermos mau karma. Atos sem intenção não produzem karma bom ou mau. Se um fazendeiro limpa sua terra, encontra uma pedra e a atira para longe, ao fazê-lo atingir um animal e matá-lo, isso não gerou mau karma, porque ele não tinha qualquer intenção de fazê-lo, infelizmente um acidente aconteceu, e poderia acontecer até para um ser humano. Mesmo assim, não houve a geração de karma nesse ato acidental. Por tudo isso é difícil entender a natureza do karma, devido à complexidade dos nossos atos e pensamentos.

Se todos nos juntarmos para fazer algo muito virtuoso, como meditar, meditar é um ato virtuoso que não nos acontece automaticamente. Mas mesmo nesse ato virtuoso, não podemos saber se a motivação de cada um de nós aqui seja igualmente virtuosa. Por isso a distribuição da parcela de karma positivo para cada participante não será igual, todos sabem disso. Alguns conseguem concentração profunda, outros não, uns meditam profundamente, enquanto outros ficam divagando, com medo ou alucinações, cada um de vocês individualmente colhe um resultado diferente. A qualidade da meditação, os resultados e a melhoria não serão iguais para todos. Olhando de fora, podemos pensar que esses meditantes parecem pedras, tão absortos na meditação. Mas cada uma dessas “pedras” sabe o que se passa na sua mente,

respectivamente. Sabe que a motivação pessoal sua talvez não seja tão boa, tão perfeita, daí os resultados desiguais. Se cem pessoas se reunirem em torno de uma ação virtuosa, haverá cem diferentes motivações para esse ato, daí a distribuição desigual das parcelas de karma.

Há uma bela estória em um sutta sobre o karma. Digamos que haja dois grupos de pessoas, 1, 2, 3, 4, e outro grupo, A, B, C, D. Digamos que o grupo 1, 2, 3, 4 tenha meditado muito, chegando a atingir alguns jhanas, e até alguns poderes sobrenaturais, pelos quais pudessem ver alguém morrendo e tomando um novo renascimento. Digamos que o sr.1 está vendo o sr.A, e que o sr.A está fazendo todas as coisas erradas possíveis. O sr.1 vê isso por toda vida, e quando o sr.A morre, renasce em um lugar confortável, maravilhoso. A partir daí, o sr. 1 conclui que não importa o que façamos, após a morte iremos todos para um lugar muito bom. E o que ele viu com seus olhos lhe parece verdade, e tudo o mais parece falso.

O sr.2 acompanha o sr.B e o sr.B faz tudo que é bom e generoso, mas ao morrer, o sr.B renasce em um lugar doloroso, horrível. E o sr.2 conclui que não importa o que façamos, após morrer iremos para um lugar ruim. E depois o sr.3 observa o sr.C fazer tudo que é ruim, e o sr.C, após morrer, renasce em um lugar doloroso. Então, o sr.3 conclui que se fizermos algo mau, ao morrermos, iremos para um lugar ruim. E finalmente, o sr.4 vê o sr. D cometendo todos os atos virtuosos e renascendo num lugar bom e virtuoso. E conclui que fazer coisas boas nos leva a nascer em um lugar bom.

Na verdade, cada um desses senhores com poderes paranormais está parcialmente correto, nenhum deles está totalmente errado. E por quê? Porque você está vendo só uma única vida. Essa é uma entre uma série infindável de existências. Mesmo que possa enxergar suas intenções, ainda assim não viu o que fizeram em suas existências anteriores. Por isso é tão complexo o tema do karma, e fácil para alguns negar que ele exista, só que não é tão simples assim, a teoria tem sua validade. Outro problema é que, ao ver certos resultados, não enxergamos o karma que está ali. Mesmo coisas que fizemos nessa vida atual, muitas vezes nos

esquecemos delas. E muitas vezes, ao colhermos os resultados não os relacionamos aos atos anteriores. Nós não lembramos o que fez que nossa vida fosse tão boa hoje, assim como não me lembro da origem de eu ser tão infeliz e miserável, eu me recordo de algumas coisas, mas não absolutamente tudo. Se você não se lembra de tudo o que fez nessa vida, como lembrar-se das vidas passadas então? Se eu perguntar, “o que você fez em oito de julho de 1982, às nove horas da noite?” Esse dia e hora existiram, e você estava lá, se já havia nascido naquele momento, mas não se lembra. Por isso eu digo que esse critério usado para julgar a existência ou não de vidas passadas é errôneo.

E no que se refere ao karma, há um terceiro ponto, que é a pesquisa científica, biologia, física, etc., que coloca que as diferenças individuais entre os seres humanos e os seres vivos em geral são devidas aos genes. Mas isso não significa que todas as diferenças entre os seres humanos se deveriam exclusivamente aos genes; entre esses bilhões de seres humanos não há dois que tenham um rosto idêntico. Até os gêmeos diferem, e cada ser humano tem uma impressão digital única no mundo inteiro. E os neurocientistas atuais colocam que até os cérebros diferem de indivíduo para indivíduo, ainda que eles pareçam iguais, mas cada um é uma formação única. E tudo isso só pode ser explicado pelas diferenças dos estados mentais de cada indivíduo, e essas diferenças nos estados mentais advêm das diferenças no karma.

Outro problema é que nós não vivemos eternamente para lembrarmos da quantidade de karma que geramos ao longo de todo esse tempo. Em uma única vida geramos inúmeros karmas a partir de atos, falas e pensamentos, e nessa vida ainda não colheremos os resultados de todos eles, porque a vida é curta, e isso nos dificulta entender a natureza do karma. É difícil para as pessoas entenderem; quando colhemos resultados virtuosos ou não virtuosos, as pessoas os chamam de karma, mas isso não é o karma em si, isso é o resultado kármico. O karma está no passado, o resultado é agora. Karma é causa, mas a consequência experimentaremos mais tarde.

Há três tipos de classificações básicas de karma. A primeira é classificar o karma segundo sua função. A segunda é classificar o karma segundo sua prioridade. A terceira classificação refere-se ao tipo de resultado. A primeira refere-se à função. Nesta, um tipo de karma nos leva a renascer, ou karma gerador de renascimento, *janaka-kamma*. Outro tipo de karma leva a dar suporte, ou prejudicar o renascimento. O que dá suporte é o karma suportivo, aquele karma suficiente para suportar esse nascimento/concepção, no útero materno. Se tivermos karmas destrutivos, então o resultado kármico será destrutivo, ou seja, embora sejamos concebidos, talvez não sejamos saudáveis ou felizes. Esse karma retarda ou prejudica a existência. É como a semente, que não cresce por si, ela necessita de outras condições. A semente em si é causa, mas ela sozinha não basta, outros fatores como sol, oxigênio, água, fertilizante, etc., são necessários para suportar o crescimento da planta. Portanto, para que a vida se dê sem problemas, é necessário o karma suportivo. Se houver muito karma destrutivo, esse nascimento será dificultado.

E há ainda o karma nulo e vazio. Isso é muito interessante. Se tivermos inúmeros karmas virtuosos, que nos levem a chegar próximos da iluminação, e se ainda houver uns poucos karmas negativos, esses se tornarão nulos, vazios. Mas enquanto houver karmas negativos, eles gerarão renascimento, mas chegará um momento onde se fará necessário liquidá-los de uma vez por todas. Isso se chama podar os últimos karmas remanescentes não utilizados, karmas sem efeito, vazios. Essa é a quarta função do karma, se classificado a partir de funções.

Depois temos a classificação por prioridade. Durante a existência, praticaremos karmas grandes, potentes, assim como pequenos karmas comuns. Na classificação por prioridade, os primeiros a se manifestarem em resultado serão os karmas poderosos. Na falta destes, virão karmas mais frequentes. E na falta destes, virão os karmas acumulativos. E na falta destes, restará o karma do momento da morte.



Quais seriam os grandes karmas? Meditar seria um dos mais poderosos karmas virtuosos. Devemos sempre ter em mente esse dois pólos, o virtuoso e o não virtuoso. Daí o Buddha aconselhar-nos a meditar no leito de morte. “Não seja negligente, seja vigilante, com consciência atenta o tempo todo, este é seu karma virtuoso”. Esse karma virtuoso, que ajuda você a ser feliz e saudável durante a vida, ajudará você a morrer pacificamente. E se você persistir nesse karma virtuoso, atingirá a iluminação, ou ao menos, renascerá em um lugar virtuoso. Karmas assim produzidos, sem raiva, cobiça ou delusão serão os karmas hábeis ou virtuosos. Quem medita por ódio ou cobiça? Ainda que haja confusão mental, a intenção é boa. Todos meditam para purificar a mente para si e para os outros. E tudo aquilo que você faz habilmente promoverá sua vida. São os méritos, os karmas virtuosos, e a meditação é número um entre eles.

Assim também é a generosidade. Quando observamos nossa mente com consciência atenta, notamos que a principal causa do nosso sofrimento é nossa cobiça. E também nossa ignorância, e em meditação nós a percebemos, e a cobiça que a acompanha, e pouco a pouco removemos tudo isso. Aí a mente fica pura, e localizamos as raízes do sofrimento, irmanadas, seguindo em paralelo. Ignorância e cobiça, e removê-las mediante a generosidade, através da meditação, e só por ela, que nos ensina a desapegar das coisas. Isso não é possível fora da meditação, o fim do apego.

E por fim, há o karma da proximidade da morte. Nas tradições budistas antigas isso era importantíssimo, talvez hoje não mais. Na hora da morte as pessoas seguravam o livro dos méritos. Isso talvez pareça bobo, mas faz muito sentido talvez na hora da morte. Nesse livro, as pessoas escreviam todas as coisas boas que fizeram, na medida do que pudessem se lembrar. Algo como salvar um animal em problemas, ajudando pessoas, um salvamento, tudo anotado ao longo da vida. E na proximidade da morte, com o corpo enfraquecido, a pessoa ouvia outra ler esses feitos bons, para alegrar a mente na hora da morte, para que houvesse uma morte feliz, e, portanto, um renascimento muito virtuoso.

Outra coisa, essa ainda praticada em países Theravada, é trazer um monge para a pessoa moribunda. O monge fará um sermão, e morre ouvindo o dhamma, e morre em paz e felicidade, para um renascimento virtuoso. O catolicismo também faz isso, o padre vem com a cruz e a Bíblia, e ora, para pacificar o moribundo. Esse é o karma da proximidade da morte.

Na classificação por fruição/resultado, temos quatro tipos de karma. Um tipo de karma é aquele que traz resultados nessa vida mesmo. Por exemplo, se você medita, percebe os resultados agora mesmo, a paz e a concentração que advém disso agora mesmo. Isso também vale para a paciência, ou a amizade amorosa, e percebe a paz interior e alegria que isso gera, do mesmo a compaixão, etc. Mas nem todo karma gerado aqui será experienciado nesta vida ainda, e parte dele passará para a próxima vida. É karma da vida que se segue imediatamente. Uma terceira categoria refere-se a karmas a serem experienciados em qualquer tempo, no samsara, em vidas futuras. E por fim uma quarta categoria, onde qualquer karma que resta após alcançarmos a iluminação será anulado e esvaziado.

Há, portanto, inúmeros fatores envolvidos no karma, como a época e local do seu nascimento, família, tantas coisas interferem nos resultados kármicos, o que faz isso algo difícil de entender. Mas mesmo que vocês não consigam entender isso plenamente, ao menos entendam o que vocês estão fazendo agora mesmo, isso basta. Não é necessário entender todas as funções e complexidades do karma, só o que interessa saber é que aquilo que fizemos com boas intenções nos fará sentir bem, ou sentir-se mal ao fazer algo não virtuoso, e ter remorso por isso.